

ANALISANDO O CONCEITO DE LUGAR DE YI-FU TUAN NA SERRA DO LENHEIRO

Maisa dos Santos

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-3868-3209>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Brasil
maisasantos02@yahoo.com.br

Maria Beatriz Junqueira Bernardes

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7002-2182>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – Brasil
mariabeatrizjunqueira@gmail.com

Recebido em: 09/07/2024

Aceito em: 22/07/2024

Resumo: Os escritos de Yi-Fu Tuan, Geógrafo humanista, são de fundamental importância para compreendermos a relação do ser humano com os espaços geográficos, principalmente, no que se refere ao lugar. Dessa maneira, utilizamos como base para esse artigo o livro: Espaço e lugar: a perspectiva da experiência (2013), em que o autor apresenta como a questão fundamental, o conceito de lugar, sendo esse o conceito de análise desta pesquisa. Realizou-se um estudo de caso da relação existente entre a Equipe ALA e a Família Guimarães no Morro da Cruz, na Serra do Lenheiro, porção norte do município de São João Del-Rei, Minas Gerais.

Palavras-chave: Experiência; Percepção; Acessibilidade.

Analyzing Yi-Fu Tuan's concept of place in Serra do Lenheiro

Abstract: The writings of the humanist geographer Yi-Fu Tuan hold central importance in understanding the relationship between humans and geographical spaces, especially concerning place. This article is based on his book Space and Place: The Perspective of Experience (2013), in which he presents the concept of place as a fundamental issue. By analyzing this category, our research focused on a case study of the relationship between the ALA Team and the Guimarães Family in Morro da Cruz, in Serra do Lenheiro, northern São João Del-Rei municipality, Minas Gerais.

Keywords: Experience; Perception; Accessibility.

INTRODUÇÃO

Toda ciência possui conceitos-chave que sintetizam sua objetivação, ou seja, a forma como a análise é realizada. Para a análise dos fenômenos geográficos, existem cinco

conceitos fundamentais: paisagem, região, espaço, lugar e território, todos inter-relacionados pela ação humana que molda o espaço (Castro et al., 2000).

Este trabalho investiga a área de estudo a partir do conceito de lugar, com o objetivo de compreender as relações entre o ser humano e a paisagem serrana, identificando sentimentos, percepções e experiências. Antes de abordar o conceito de lugar, é essencial entender o conceito de espaço, pois o lugar está estabelecido dentro do espaço.

O espaço é definido por Mello (1991, p. 43) como "qualquer porção da superfície terrestre, amplo, desconhecido, temido ou rejeitado". Mas na geografia humanista, o espaço incorpora "os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência" (Côrrea, 2000, p. 30).

Nessa perspectiva, o espaço se torna o vivido e o conceito de paisagem, então, é apresentado como parte do cotidiano repleta de significados, símbolos e valores. E o conceito de lugar é fundamental porque foca no espaço e na paisagem em torno das intenções e experiências humanas. A paisagem e o lugar são intimamente ligados, mas o lugar está diretamente relacionado ao mundo vivido, trazendo estabilidade e significado (Costa, 2011).

Da relação do ser humano com o espaço experienciado, surgem os conceitos de topofilia e topofobia. Yi-Fu Tuan, em 1974, definiu topofilia como "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico" (Tuan, 2012, p. 19), relacionando emoções positivas aos lugares geográficos.

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de lugar de Yi-Fu Tuan aplicado à paisagem da Serra do Lenheiro, especialmente no Morro da Cruz, considerando a relação da Equipe ALA e da família Guimarães.

A Equipe ALA formou-se em 2013 na cidade de São João Del-Rei, Minas Gerais, a partir da iniciativa dos irmãos Gabriel e Daniel Guimarães. Em parceria com amigos e a Universidade Federal de São João Del-Rei, eles construíram um monociclo adaptado para proporcionar acessibilidade em ambientes naturais ao pai, Sr. Luizão. Este artigo resulta da dissertação de mestrado da primeira autora deste estudo.

Área de Estudo

O recorte espacial desta pesquisa é a Serra do Lenheiro, inserida na porção norte do município de médio porte São João Del-Rei, entre os limites norte e noroeste do sítio urbano. Segundo o último Censo Demográfico de 2022, o município apresenta uma população de 90.225 habitantes (IBGE, 2022).

A paisagem da Serra do Lenheiro é marcada pela transição do Bioma Cerrado para a Mata Atlântica, onde ocorre a presença dos campos rupestres. Esta faz parte da Bacia do Rio das Mortes, que é afluente do lado direito da Bacia Hidrográfica do Rio Grande. Dentro dos limites físicos, existe a delimitação do Parque Ecológico Municipal da Serra do Lenheiro, por meio da lei municipal 3356/1998, de 01 de abril de 1998, com área de 2.075.000 m², bem como a zona de amortecimento de 4.973,13 ha (Ferreira, 2017; Santos, 2024).

A Serra do Lenheiro é tombada como patrimônio paisagístico desde 1988, pelo Decreto n° 1654, e apresenta uma grande geodiversidade devido aos seus aspectos arqueológico, estrutural, geomorfológico, geocultural, pedológico, petrológico e sedimentológico (Ferreira, 2017, p. 9).

A paisagem da Serra do Lenheiro evidencia em seu relevo marcas da Pré-história apresentadas através das pinturas rupestres, que são marcas dos primeiros povos da América e podem ser vistas como herança da história da humanidade. O sítio arqueológico na Serra do Lenheiro está localizado na área de estudo, no morro de Três Pontões. As pinturas rupestres estão localizadas no fim de uma trilha com mata fechada e grandes paredões rochosos; a trilha em questão é bem íngreme.

A descoberta deste sítio rupestre na Serra do Lenheiro ocorreu nos anos 70 por militares, que hoje são responsáveis pela área e pela conservação do sítio. Atualmente, essa área é utilizada para instrução de montanhismo do 11° Batalhão de Infantaria de Montanha do Exército, de São João Del-Rei, e por escaladores da região. O terreno foi comprado pelo exército em 8 de maio de 1985, com verba do Fundo do Ministério do Exército (Resende et al., 2006).

A geologia onde está localizado o sítio arqueológico, assim como as demais áreas da Serra do Lenheiro, é predominantemente de quartzitos. Este se formou "(...) como um sítio de abrigo que, em afloramento arenítico e por causa do desmoronamento do teto,

acabou por ficar exposto às intempéries, comprometendo os vestígios de cultura material” (Resende et al., 2006, p. 8).

Mesmo sob as influências dos processos erosivos, ainda no paredão rochoso de quartzito é possível visualizar uma imagem clara das figuras que compõem o sítio arqueológico. Conforme descreve Sales (2012, p. 191), a “cena combina a presença de seres zoomorfos e antropomorfos (uma ‘família’ de seres humanos esquematizados), com bastonetes e pontilhados, todos em vermelho”. Cada sítio arqueológico apresenta um tipo de grafismo, e os que compõem o sítio do Lenheiro são descritos da seguinte forma

A composição das figuras rupestres combina presença do cervídeo com bastonetes, copules e alguns seres zoomorfos. A presença dominante do “mitograma” cervídeo não deixa dúvidas de que esse cenário é mais um exemplar da tradição Planalto (Resende et al., 2006, p. 12-13).

Ainda de acordo com o pensamento dos autores, a arte rupestre pode ser feita com diferentes recursos básicos. Sua elaboração pode ser feita de duas maneiras, a primeira é por gravura ou petróglifos, que são gravados nas pedras, e geralmente são encontrados em áreas planícies isoladas, com a presença de água no entorno ou ainda em pequenas serras ou morros isolados, já a segunda forma, a qual se apresenta na Serra do Lenheiro, são as pinturas localizadas em afloramentos à céu aberto ou nas cavernas (Figura 1).

Figura 1: Pinturas rupestres



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Ao longo da história, existem diferentes interações entre o ser humano e a natureza. Não diferente disso, na atualidade, a Serra do Lenheiro apresenta em sua paisagem diversos grupos. Destacam-se as práticas esportivas e as diversas manifestações religiosas, como as tradicionais Via Sacra da Igreja Católica e as manifestações religiosas de matriz africana, expressas pelas oferendas deixadas nas trilhas ou na beira das cachoeiras (Santos, 2024).

A Serra do Lenheiro também é visitada por diferentes grupos de turistas que buscam, através dos passeios ecológicos, experimentar e vivenciar o ambiente natural. No relevo serrano, os mirantes chamam a atenção por apresentarem, em alguns pontos da paisagem, uma vista panorâmica para o vale tectônico do Rio das Mortes e as colinas limítrofes, dividindo as Serras do Lenheiro e de São José com o sítio urbano de São João Del-Rei ao fundo.

Logo, a paisagem da Serra do Lenheiro é vivida e experienciada de forma diferente pelos grupos. No próximo item, analisamos o conceito de lugar de Yi-Fu Tuan referente à Equipe ALA e a Família Guimarães no Morro da Cruz.

Um lugar para a Equipe ALA no Morro da Cruz

Quando a paisagem se torna um lugar? Entre as paisagens panorâmicas da Serra do Lenheiro, o Pico das Almas, ou Morro da Cruz, é um deles. O mirante está localizado nos limites físicos da Serra, dentro do Parque Ecológico Municipal Serra do Lenheiro, sendo um dos pontos mais altos do local, com altitude de 1230 metros. Localizado nas coordenadas E = 573191 e S = 57663210 (Ferreira, 2017), destaca-se pela paisagem panorâmica do sítio urbano de São João Del-Rei e, ao fundo, a Serra de São José, na cidade de Tiradentes, Minas Gerais.

No mirante está localizado um cruzeiro, símbolo do cristianismo. Em torno do cruzeiro há uma paisagem de 360°, com vista para as cadeias montanhosas do Campo das Vertentes. Neste ponto da Serra, é possível observar no relevo as trilhas degradadas por processos erosivos em meio à vegetação e identificar, também, pequenos traços dos muros de pedra do período colonial. Lá de cima, é possível visualizar a igreja de São Francisco de Assis, localizada no centro histórico do município, e as casas dos bairros próximos à Serra.

Esse não é apenas mais um dos mirantes com vista panorâmica da Serra do Lenheiro para a equipe ALA. Para eles, esse mirante ganha sentido de lugar devido à importância da relação estabelecida entre a equipe e o Morro da Cruz. Assim, para compreender essa relação, é necessário inicialmente conhecer a história da formação da equipe, para depois descrever como o Morro da Cruz se tornou um lugar para esse grupo.

A equipe surgiu da história de dois filhos (Gabriel e Daniel Guimarães) que, em parceria com amigos e a Universidade Federal de São João Del-Rei, construíram um monociclo para proporcionar ao seu pai o contato com ambientes naturais e suas práticas esportivas, devido às limitações físicas que ele apresentava em decorrência de uma encefalite.

O desenvolvimento do monociclo adaptado para ambientes naturais hoje é utilizado não só pelo pai de Gabriel e Daniel, mas, também, por outros cadeirantes. Foi construído em parceria entre amigos e a Ômega, empresa júnior de Engenharia Mecânica e de Produção da Universidade Federal de São João Del-Rei, no ano de 2013. É importante ressaltar que, ao longo do tempo, a equipe adquiriu outros equipamentos. O primeiro foi o monociclo, mas também há o triciclo. No entanto, para a condução do equipamento nos relevos montanhosos, é necessário um grupo de pessoas.

A caminhada nas trilhas para conduzir o monociclo ou triciclo exige esforços físicos, já que as trilhas são íngremes e irregulares, com a presença de cascalhos, rochas, galhos de árvores e nascentes de córregos. Há ainda a mudança de temperatura corporal, devido ao esforço físico e à exposição às mudanças de temperatura do clima. Assim sendo, a equipe sempre conta com a presença de um bombeiro e de um médico.

Na equipe, existem participantes fixos, como os filhos do Luizão (Gabriel Guimarães e Daniel Guimarães), mas também sempre há a chegada de novos integrantes, o que faz com que novas pessoas tenham contato com esse ambiente natural. Os condutores do triciclo ou do monociclo, seja os que estão na parte da frente puxando a corda, seja os que estão na parte de trás, dando equilíbrio ao equipamento, oferecem mais do que o corpo (braços e pernas). Eles querem proporcionar a quem está sentado na cadeira as sensações que eles experimentam ao estar naquele ambiente.

A Serra do Lenheiro, com sua exuberante e rica paisagem natural, proporciona ao visitante o contato com o ambiente natural. Em busca exatamente deste contato entre o ser humano e a natureza, a equipe ALA utiliza as paisagens das trilhas da Serra para proporcionar a outras pessoas essa experiência com o espaço natural.

Não é apenas no sentido de paisagem que a Serra do Lenheiro ganha importância para a equipe ALA. Alguns espaços naturais do Lenheiro ganham sentido de lugar devido à função que esse ponto no espaço exerce diante das necessidades da equipe, como é o caso do Morro da Cruz, ponto mais visitado pela equipe na Serra.

Considerando que os lugares são construídos para satisfazer as necessidades práticas (Tuan, 2013), o Morro da Cruz não foi escolhido aleatoriamente pela equipe, mas sim pela função que ele pode exercer. A escolha pelo Morro da Cruz se deu pela experiência que ele pode proporcionar ao visitante, já que o mirante está localizado em um dos pontos privilegiados da Serra, com vista panorâmica, e as trilhas de acesso estão dentro dos limites físicos e mecânicos da equipe ALA.

O mirante passou a ter o sentido de lugar para a equipe ALA quando nele ocorreu uma experiência significativa. No caso, foi proporcionar a outras pessoas o sentimento de contato com o ambiente natural. Ao dar esse sentido ao mirante, a equipe ALA marcou esse ponto na Serra como um lugar onde é possível ter um contato extremo com a natureza, fazendo o Morro da Cruz ganhar significado e existir para a equipe.

O significado de um lugar onde é possível ter um contato profundo com a natureza não exclui a capacidade de outros mirantes oferecerem isso. Porém, o mirante da Cruz cumpre as funções práticas necessárias à equipe. As trilhas são íngremes e apresentam diversos obstáculos, como córregos, cercas de arame, cascalhos soltos, trechos com muros de pedra, galhos de árvores e erosões agravadas pela presença de motocicletas nas trilhas. Contudo, esses ainda estão dentro dos limites que a equipe ALA necessita, ou seja, o mirante surge como um lugar para a equipe ALA diante das funções práticas que ele assume.

O lugar assume duas funções práticas: ser o meio pelo qual o cadeirante tem contato com o ambiente natural e ser o lugar escolhido pela equipe ALA para concluir seus objetivos.

Assim, antes de descrever a relação da equipe ALA com o Morro da Cruz no sentido de lugar, vejamos como uma casa assume o papel de lugar, para poder assemelhar a criação de um lugar. Para tal, apoia-se na lógica de que se

Uma casa é um edifício relativamente simples. No entanto, por muitas razões, é um **lugar**. Proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaço corresponde às necessidades sociais.; é uma área onde uns se preocupa com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos” (Tuan, 2013, p. 202, grifo nosso).

Nesse sentido, assim como a casa proporciona abrigo, espera-se que o Morro da Cruz seja capaz de proporcionar uma experiência de contato entre o ser humano e o ambiente natural, pois o Morro da Cruz passa a ter a função de acolhimento. Ou melhor, esse lugar passa a abrigar os objetivos da equipe ALA. Este mirante torna-se mais importante do que outros, por corresponder às necessidades da equipe ALA, tanto no quesito de contato com o ambiente natural quanto na acessibilidade, pois, como um instrumento técnico, o monociclo tem limitações.

O mirante da Serra tornou-se um lugar para a equipe ALA, por ser o ponto no espaço no qual o grupo se preocupa em oferecer a outras pessoas, ou seja, que elas sejam despertadas a partir daquele ambiente. Em síntese, esse também pode ser considerado um lugar de memória da equipe, já que é o local onde os sonhos e objetivos da equipe ALA são realizados e idealizados.

O mirante em questão passou a ser o meio pelo qual a equipe ALA se experiencia por meio de novas relações afetivas. Não só as despertadas pelos ambientes naturais, mas as que são próprias da equipe. Veja que, ao construir o monociclo, eles são impulsionados pelo sentimento de amor, empatia, esperança e, principalmente, de inclusão, por poder proporcionar ao outro o seu pertencimento à natureza. Assim, o Morro da Cruz assume o papel de transferir sentimentos entre o cadeirante, a equipe ALA e as paisagens naturais, sentimentos próprios dessa relação constituída em uma porção do espaço na Serra, no caso o Morro da Cruz.

Observe que, quando o grupo escolhe um ponto específico na Serra do Lenheiro, essa passa a ter outro sentido, como se o lugar “Morro da Cruz” fosse diferente da Serra do Lenheiro. Isso acontece porque a “ideia de espaço está subordinada à ideia de localização de lugares significantes” (Tuan, 2013, p. 117).

O Morro da Cruz ganha significado para a equipe ALA diante das funções que exerce dentro dos objetivos da equipe; conseqüentemente, a Serra do Lenheiro passou a exercer função secundária nessa relação, diante da importância que a equipe ALA estabelece ao Morro da Cruz.

Para aprofundar e compreender como a Serra do Lenheiro passou a ser uma paisagem para a equipe ALA, e o Morro da Cruz, um lugar, é preciso entender os três pontos fundamentais do conceito de lugar, os quais são

1. Se o tempo for concebido com fluxo ou movimento, então **lugar é pausa** [...],
2. **Se bem que leva tempo para se sentir afeição por um lugar**, a **qualidade** e a **intensidade** da experiência é mais importante do que a simples duração.
3. Estar arraigado em um lugar é uma **experiência diferente** de ter e **cultivar um “sentimento de lugar”**. Uma comunidade realmente enraizada pode ter santuários e momentos, mas é improvável que tenha museus e sociedades para preservar o passado (Tuan, 2013, p. 240, grifos nossos).

Entenda que, ao definir que o Morro da Cruz seria um dos locais de visita da equipe, a paisagem do Lenheiro acabou sendo ressignificada, fazendo com que as demais trilhas e mirantes deixassem de ser importantes naquele momento. Pois o Morro da Cruz passou a ter significado, uma vez que o objetivo foi a chegada ao topo dele, onde a experiência com a natureza se concretiza, segundo os objetivos da equipe ALA. Aqui aparece um dos pontos fundamentais da relação com o lugar: a pausa. Ao definir o ponto, o Morro da Cruz se torna uma pausa intencional na paisagem, e os outros mirantes perdem sentido.

Outro ponto apontado por Tuan (2013) na relação com o lugar é a intensidade, vivida e experienciada de forma diferente entre o cadeirante e os membros da equipe ALA. Isto porque cada um tem uma forma de se relacionar com esse espaço. Para a pessoa que está sentada no monociclo, esse é um momento novo e único de participar de um ambiente do qual muitas vezes ele é privado, devido às suas limitações físicas e à falta de adaptação de ambientes naturais para os cadeirantes, o que pode despertar nele uma intensidade de sentimentos únicos.

A intensidade com que a equipe ALA experiencia o Morro da Cruz é diferente. Estamos falando do lugar escolhido pela equipe para ser o ponto de contato entre o cadeirante e a natureza que desperta e transmite sentimentos, ou seja, existe uma forte interação entre a equipe ALA e o Morro da Cruz.

Outro aspecto referente à intensidade para a equipe ALA é a vivência com o Morro da Cruz, a quantidade de vezes que a equipe visitou esse ponto na Serra (um dos pontos mais visitados pela equipe na Serra do Lenheiro). Diante de tantas visitas, podemos

dizer que já existe algum tipo de sentimento entre a equipe e o Morro da Cruz, construindo uma memória afetiva pelo lugar.

Veja que a paisagem do Lenheiro é vivenciada, entretanto, a relação com o lugar modifica-se. Isso ocorre devido às diferentes perspectivas de experiências, as quais são constituídas de “sentimentos e pensamento” (Tuan, 2013, p. 19).

Para o cadeirante, é a experiência de conhecer um novo ambiente; e para a equipe ALA, de proporcionar através deste lugar o contato com a natureza e oferecer aos outros indivíduos os sentimentos que neles são despertados, ao pertencer a este local, fazendo com que laços afetivos com o espaço sejam criados ao longo do tempo. As diversas visitas com o triciclo ou com o monociclo adaptados à Serra são uma forma de expressar que a equipe ALA tem um sentimento de pertencimento pelos ambientes naturais, tanto que busca oferecer ao outro essa mesma sensação.

Diante do exposto, mesmo que o Morro da Cruz tenha obtido sentido de lugar para a equipe ALA, ele também pode ser visto como um lugar construído pela família Guimarães. Isso porque a equipe ALA nasceu de uma história de sentimentos entre os filhos e o pai. Por isso, as experiências que cada grupo tem nessa porção do espaço são diferentes.

A equipe ALA vê o mirante como um meio de proporcionar contato com as paisagens naturais da Serra. Já para a família Guimarães, existe uma experiência diferente de viver o mirante. Isto porque há uma intensidade de sentimentos que tem início desde a construção do monociclo, elaborando uma memória individual marcada por vários sentimentos. Para compreender como o Morro da Cruz pode ser visto como um outro lugar para a família Guimarães, vejamos o próximo item.

Morro da Cruz, um Lugar de transferência de sentimento da família Guimarães

“O **LUGAR** existe em escalas diferentes” (Tuan, 2013, p. 183), este é uma porção do espaço carregada de significados e é criado quando ligamo-nos efetivamente a ele. Nesta perspectiva, o elo afetivo entre a pessoa e o lugar são forjados através das experiências vividas (Fernandes, 2015).

Para Tuan (2013, p. 14), “o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, no entanto, o espaço é dado à

transformação e o lugar não, esse é estático e criado pela relação afetiva estabelecida entre a densidade e a duração (Santos, 2008).

Quando ligamo-nos efetivamente a um ponto específico no espaço, torna-se um *lugar*? Essa é uma pergunta complexa, já que interagimos de forma diferente com o espaço, entretanto, como aponta Tuan (2013), é pela **experiência** que os lugares e os espaços são vividos, construindo as relações, pois, através da experiência temos contato com o mundo exterior. Então, como separar o *lugar* do *espaço* se ambos são sentidos pelo corpo?

Considerando que o corpo é formado pelos sentidos, ou seja, visão, audição, olfato, paladar e tato, e é pela experiência que o indivíduo estabelece a relação com mundo exterior. Vejamos na figura 2, como a experiência é constituída

Figura 2. Relação entre Emoção e Pensamento por meio da Experiência Humana.



Fonte: Tuan (2013, p. 17).

A Figura 2 mostra que as emoções e as sensações dão o colorido a toda a experiência humana, orientadas pelo pensamento, que, por sua vez, rapidamente qualifica a experiência do indivíduo (Costa, 2011 *apud* Tuan, 1983), a vivência do indivíduo com o espaço está ligada à sua experiência, a qual tem como base o pensamento e os sentimentos.

Sabendo que a experiência é formada a partir da influência dos sentimentos e dos pensamentos, como a experiência que a família Guimarães tem com o Morro da Cruz transforma essa porção do espaço em *Lugar*? Experiência é

constituída de **sentimento** e **pensamento**. O **sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas**; mais precisamente a **memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais** no cambiante fluxo da **experiência** de modo que **poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento** (Tuan, 2013, p. 19, grifos nossos).

Como bem ressalta Tuan (2013), existe uma história de sentimentos. Assim, para compreender como o Morro da Cruz é um lugar para a família Guimarães, é preciso identificar que os sentimentos despertados pelo mirante não foram construídos apenas pelas visitas, mas pela intensidade de sentidos e vivências ao longo do processo. Os sentimentos que se criam no Morro da Cruz, no sentido de lugar para a família Guimarães, foram construídos ao longo do tempo pela trajetória de sentimentos da família e, posteriormente, com o Morro da Cruz.

O Morro da Cruz pode ser visto como um lugar para a família Guimarães, diante da intensidade de sentimentos que foram construídos ao longo dessa relação. Para compreender essa relação da família Guimarães com o Morro da Cruz, é necessário reconstruir a intensidade dos sentimentos que foram sentidos antes do contato com o Morro. Pois, os sentimentos são como nossas memórias; ao visitar o Morro da Cruz com o pai, toda a história de sentimentos vividos ao longo do processo vem à tona.

Precisamos “reconstruir”, mesmo que superficialmente, alguns dos sentimentos alcançados ao longo da trajetória da família Guimarães com o Morro da Cruz. Primeiramente, esse encontro só foi possível devido ao desejo dos filhos, que nasceu do sentimento de esperança, pois ela surgiu com o objetivo de trazer de volta o pai aos ambientes naturais. Dessa esperança, surgiu a ideia da construção do monociclo. Ao construir o monociclo adaptado, outros sentimentos foram despertados. A alegria é um deles, pela realização do projeto. Entretanto, durante a elaboração do projeto, eles sentiram ansiedade, cansaço, tristeza, apreensão, medo, felicidade e raiva. Porém, o sentimento de alegria permaneceu, pois ele era diferente de todos os outros, porque esse sentimento costumava (e ainda costuma) ser renovado a cada vez que o monociclo entra nas trilhas de um relevo montanhoso.

O sentimento de medo também aparece nesta história. Ao testar o monociclo com o pai, Daniel Guimarães, filho do Luizão, relatou o sentimento de medo, tanto que, na primeira visita do Senhor Luizão ao ambiente natural, já com o monociclo adaptado, a equipe incluía bombeiros, em caso de algum acidente. Daniel Guimarães, em uma de suas falas no Alto do Morro da Cruz, na visita realizada com o pai Luizão no dia 24 de junho de 2023, descreveu como foi essa sensação

Tínhamos *medo* de levar meu pai a esse ambiente, tanto que o primeiro passeio reuniu diversos bombeiros do estado de Minas Gerais, para que de fato isso pudesse acontecer, a superação desse medo foi acontecendo aos

poucos, tanto que esse ano a equipe faz dez anos e temos pessoas de diferentes áreas (Daniel Guimarães, filho do Senhor Luiz e um dos fundadores da equipe ALA, 24 de junho, 2023).

Atualmente a equipe é aberta ao público, e o medo é uma lembrança. Mas, isso não significa que o sentimento de medo tenha desaparecido, o que mudou foi a causa do medo, esse sentimento faz parte das nossas vivências.

O medo é estudado por Yi Fu -Tuan em seu livro 'Paisagem do Medo', de 2005, no qual o autor busca pesquisar os medos do passado e do presente, seus significados e suas diversas faces, trazendo uma reflexão sobre esse tema que interpela o ser humano. Nele, o autor apresenta o conceito do medo da seguinte forma

Um **sentimento complexo**, no qual se distinguem claramente dois componentes: **senal de alarme e ansiedade**. O **senal de alarme é detonado por um evento inesperado e impeditivo no meio ambiente**, e a resposta instintiva do animal é enfrentar ou fugir. Por outro lado, a **ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação**. [...] é um pressentimento de perigo quando nada existe nas proximidades que justifique o medo (Tuan, 2005, p. 10, grifos nossos).

Veja que a tomada de consciência dos filhos pelo gosto do pai pelos ambientes naturais despertou neles outros sentimentos (medo, alegria, raiva, angústia etc.), construindo uma "vida" de sentimentos, ou melhor, uma memória de sentimentos.

Diante da construção do monociclo adaptado, as primeiras memórias de sentimentos foram formadas. Dando continuidade a essa história de sentimentos, entra na história o Morro da Cruz, que passou a assumir as funções práticas demandadas pela família. Isso porque surgiram duas necessidades para que o objetivo de levar o pai à Serra fosse alcançado: a primeira é encontrar na paisagem da Serra um ambiente adequado para as visitas, diferenciado dos demais mirantes. Esse ambiente precisa ser especial, pois é onde ocorre o despertar para o sentimento de contato com o ambiente natural, sendo recorrente durante toda a trilha. Contudo, o local escolhido para a visita passou a ter esse significado para a família; a segunda necessidade são as trilhas de acesso ao local, que precisam estar dentro dos limites mecânicos do equipamento.

Diante da limitação e eficiência do equipamento ao percorrer trilhas com alta declividade, surgiu o Morro da Cruz, já conhecido pelos filhos que têm contato com a Serra do Lenheiro. Todavia, aqui começou a surgir o conceito de lugar, já que "a

maioria dos lugares não são criações deliberadas, eles são construídos para satisfazer necessidades práticas” (Tuan, 2013, p. 204).

Esse era apenas mais um dos mirantes da Serra; entretanto, quando ele foi escolhido na paisagem do Lenheiro para atender às necessidades práticas dos filhos, assumiu também o papel de lugar. Não só pelas necessidades práticas dos filhos, mas também por ser o lugar escolhido por eles para transmitir toda a intensidade de sentimentos vivenciados ao longo da formação da história da família Guimarães. Observe que aqui a história entre o Morro da Cruz, a equipe ALA e a família Guimarães se entrelaça, entretanto, com experiências diferentes no lugar.

É diferente porque, para a família Guimarães, além do mirante ser escolhido pelas funções práticas que assume, apresentando uma visão panorâmica de 360° dos morros serranos do Lenheiro, a paisagem é composta por diferentes elementos naturais e antrópicos, com destaque para as montanhas do Campo das Vertentes e pelo acesso – que, mesmo sendo um local com várias declividades e obstáculos nas trilhas, ainda está dentro dos limites que a equipe ALA consegue enfrentar.

O que muda aqui não é a função prática do mirante, essa permanece igual tanto para a equipe ALA como para a família Guimarães. O que diferencia o lugar construído pela equipe ALA e pela família Guimarães é a **experiência**. Os filhos do Senhor Luizão têm uma memória de sentimentos construída ao longo da criação do monociclo adaptado, fazendo com que neles exista uma intensidade de sentimentos, que são despertados ao levar seu pai a esse ambiente, especificamente, ao Morro da Cruz. Assim, o lugar assume a mesma função prática para diferentes grupos; entretanto, a experiência acontece de forma diferente.

E, conforme Tuan (2013, p. 47), “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto mediante o contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos.” Com isso, diante da frequência e da intensidade dos sentimentos nas visitas feitas pela família Guimarães, o Morro da Cruz foi ganhando significado.

Isso porque, nesse lugar, eles proporcionam ao Senhor Luizão seu “pertencimento” à natureza, além de seu reconhecimento como uma pessoa que faz parte daquele ambiente, tornando esse um ambiente vivido e experienciado, o que aprofundou o laço afetivo com a Serra e, especificamente, com a paisagem do Morro da Cruz, criando uma relação íntima com o lugar.

Em síntese, o que transforma o Morro da Cruz em um lugar para os filhos e o Senhor Luizão é a experiência diferenciada, causada pela memória dos sentimentos despertados neles ao longo dessa história.

De acordo, com os três pontos fundamentais que são estabelecidos na formação de um lugar, o Morro da Cruz é um ponto de parada da família Guimarães, porque, ao escolherem este mirante específico na Serra dentre todos os outros, ele assumiu uma função prática diferente dos demais mirantes, e a visão dos filhos e do Senhor Luizão está concentrada na paisagem do Morro da Cruz (Tuan, 2013).

Outro aspecto interessante nesta relação é a intensidade com que é construída. Como descrevemos, as visitas a esse local foram (e ainda são) sempre carregadas de sentimentos. Sentimentos vivenciados ao longo da construção da história da família Guimarães, fazendo com que aqui o tempo seja compreendido não só como quantidade. Nesta relação, o tempo é referência a uma “vida de sentimento.” Como citado por Tuan (2013), existe uma densidade de sentimentos em torno das visitas ao Morro, fazendo com que a quantidade perca sentido e a qualidade e a intensidade sejam os principais fatores desta relação.

A experiência da visita ao Morro da Cruz é diferenciada, pois é uma visita com significado. Ao apreciar a paisagem do Morro da Cruz, há uma retomada da consciência em termos da importância da natureza para o Senhor Luizão, diante do olhar dos filhos, retomando memórias de sentimentos construídos nesse processo.

E, se ao conhecer melhor um lugar, ele ganha significado. O mirante da Cruz, além de ter significado, constrói possíveis memórias afetivas pela intensidade emocional das visitas. É possível identificar que a família Guimarães escolheu este lugar para viver o ambiente natural, compartilhar e transmitir sentimentos.

Viver através das experiências despertadas nas paisagens naturais, compartilhar porque os filhos querem que o pai sinta os sentimentos que neles são despertados ao fazer parte deste ambiente. E transmitir sentimentos, porque ao trazer o seu pai aos ambientes naturais, eles querem demonstrar a ele que os dois filhos têm consciência sobre o pertencimento dele a esse ambiente e, sobretudo, evidenciam a importância do sentimento do pai para eles. A Figura 3 ilustra a Equipe ALA do lado esquerdo da foto e do lado direito a família Guimarães no Morro da Cruz.

Figura 3: Equipe ALA e família Guimarães no Morro da Cruz.



Fonte: Acervo pessoal (2023).

Assim, diante desta experiência diferenciada, a família Guimarães vai construindo com o Morro da Cruz um laço afetivo com o lugar.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou como o conceito de lugar de Yi-Fu Tuan é aplicado ao contexto da Serra do Lenheiro, especificamente no Morro da Cruz, através da relação da Equipe ALA e da família Guimarães. Observou-se que o Morro da Cruz transcende sua condição de simples mirante panorâmico ao se transformar em um lugar carregado de significados e emoções para esses grupos.

A introdução do monociclo adaptado proporcionou aos membros da Equipe ALA, especialmente ao Senhor Luizão e seus filhos, uma nova forma de interação com o ambiente natural. Essa interação não é apenas física, mas também profundamente emocional, caracterizada por sentimentos de superação, inclusão e pertencimento.

A análise revelou que a experiência no Morro da Cruz é permeada por uma intensa carga emocional, que varia conforme as diferentes perspectivas dos envolvidos. Para a família Guimarães, a criação e o uso do monociclo simbolizam a realização de um

sonho e a oportunidade de resgatar momentos de conexão com a natureza, proporcionando ao Senhor Luizão um sentido renovado de inclusão e pertencimento. Para a Equipe ALA, o Morro da Cruz não é apenas um ponto geográfico, mas um espaço de vivência e construção de memórias afetivas. As visitas frequentes a este lugar consolidaram um laço afetivo, transformando o mirante em um verdadeiro lugar de encontro entre o ser humano e a natureza.

Assim, a pesquisa confirma a relevância do conceito de lugar sob a perspectiva da geografia humanista, demonstrando que o Morro da Cruz, na Serra do Lenheiro, tornou-se um lugar significativo tanto para a Equipe ALA quanto para a família Guimarães, através das vivências e das emoções compartilhadas. O estudo contribui para a compreensão de como os lugares são construídos e vivenciados, oferecendo uma perspectiva enriquecedora sobre a relação entre o ser humano e o espaço geográfico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda Equipe ALA e a Família Guimarães, por permitirem contar a sua história. A CAPES pela bolsa concedida a pesquisadora.

REFERÊNCIAS

CASTRO, I. E de *et al.* **Geografia: conceito e temas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 352 p.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito chave da Geografia. *In: Geografia: Conceito E Temas*. Rio de Janeiro: 2000, p. 15-48.

COSTA, R. G. da S. **Valores, atitudes e simbolismos [manuscrito]**: estudo da percepção dos frequentadores do Parque Mariano Procópio. 191 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2011.

Disponível em:

<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16104/1/ValoresAtitudesSimbolismos.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2024.

FERNANDES, M. L. **Ilha de Guaratiba: um lugar descortinado por seus moradores desaguando no Rio olímpico**. 187 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/13233>. Acesso em 20 dez. 2023.

FERREIRA, A. C. **Serra do Lenheiro, um conjunto de geossítios e suas inter-relações constituindo um relevante Geoheritage**. 337 p. Dissertação (Mestrado) -

Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ), São João Del-Rei, 2017.
Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgeog/Arlon.pdf>.
Acesso em: 02 ago. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (São João Del-Rei). **Panorama de São João Del-Rei**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/sao-joao-del-rei/panorama>. Acesso em: 3 ago. 2023.

MELLO, J. B. F. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991**: uma introdução à geografia humanística. 1991. 300 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 1991. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=224063&view=detalhes> . Acesso em: 02 nov. 2023.

RESENDE, M. L. C. de; TORRES, M. R.; MATOS, V. V. Arte rupestre em terras barrocas: um estudo de caso do sítio pré-histórico da Serra do Lenheiro. **Vertentes**, São João Del-Rei, n. 27, p. 7-15, jan./jun. 2006.

SALES, C. L. **A Estrada Real nos cenários arqueológico, colonial e contemporâneo**: construções e reconstruções histórico-culturais de um caminho. Orientadora: Maria Leônia Chaves de Resende. 2012. 334 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, 2012. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/pghis/dissertacaoCristianoLima.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SANTOS, M. **Nem Tudo Que Reluz é Ouro**: Dos Símbolos Coloniais da Serra do Lenheiro para a sua percepção ambiental. 157 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/41514>.

SANTOS, R. H. dos. **Aqui estou, aqui faço o meu lugar**: um estudo sobre percepções e manejo do ambiente entre camponeses, na comunidade de Barra do Pacuí, município de Ibiá MG. 2008. 167 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16035>. Acesso em: 19 jan. 2024.

TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Maisa dos Santos

Possui graduação em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de São João Del-Rei (2022). Realizou estágio no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, na Unidade Técnica de 2º Nível em Uberlândia (2021) - Minas Gerais. Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU pelo programa de Pós-Graduação em Geografia onde atualmente é aluna de doutorado e bolsista CAPES na linha de Educação Geográfica e Representações Sociais. Atua na área da fenomenologia, percepção ambiental e educação ambiental na Serra do Lenheiro – São João Del- Rei, Minas Gerais.

Maria Beatriz Junqueira Bernardes

Possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1990), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2001) e doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (2007). Atualmente é professora associada 4 da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Geografia. Atuando principalmente nos seguintes temas: educação ambiental e ensino de geografia e formação docente. Faz parte do Programa de Pós-Graduação em Geografia (IG/UFU).